



## A AÇÃO PERFORMÁTICA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESDOBRAMENTOS DO FAZER ARTÍSTICO DE UMA PROFESSORA- PERFORMER

Francisca Vitória Vaz Almeida<sup>1</sup>  
Programa de Pós-Graduação em Artes (IFCE)  
Associado/a/e Anpap: Não  
Juliana Maria Girão Carvalho Nascimento<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Associado/a/e Anpap: Não

### RESUMO

O presente trabalho objetiva discorrer sobre a investigação de possibilidades de criação artística, por meio de uma bricolagem entre cartografia autobiográfica de uma professora-performer no âmbito da educação e performance em Fortaleza/CE. Este trabalho discute o conceito de corpo e arte-performance enfatizando as experimentações realizadas na educação básica. Em um diálogo entre Cohen (2002), Pereira (2013), Passeti e Acácio (2008), a partir da arte-performance e seus desdobramentos para a arte-educação. Para tanto, utiliza-se o método cartográfico de pesquisa-intervenção, com ênfase no acompanhamento dos processos a partir de ações performáticas desenvolvidas pela professora-performer, compreendendo essas ações como uma autobiografia de um corpo dissidente que fissura, através da performance, o que a escola espera do ensino de arte.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte-performance. Corpo livre. Escola.

### 1. Introdução

Quando iniciamos nossas trajetórias acadêmicas na área da arte, durante os cursos de licenciatura em artes (teatro, dança, música e artes visuais), somos expostos a

<sup>1</sup> Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), especialista em Arte-Educação (FACUMINAS) e licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi também Professora Substituta da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza/CE (SME) e atualmente é Arte-educadora do Museu de Arte Contemporânea do Ceará - MAC.CE E-mail [vitoria.vitoria61@aluno.ifce.edu.br](mailto:vitoria.vitoria61@aluno.ifce.edu.br) ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6737108462492193>

<sup>2</sup> Professora adjunta da Licenciatura em Teatro do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará - Campus Fortaleza, e professora colaboradora do PPGARTES do IFCE - Campus Fortaleza. Possui doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [julianacarvalho@ufc.br](mailto:julianacarvalho@ufc.br) ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1733884747064222>



visões que delimitam claramente o campo e o entendimento da Arte-educação. Minha experiência não foi diferente, essa foi a vivência que tive tanto na escola quanto na minha formação na Licenciatura em Teatro (UFC) em 2016.

Contudo, por volta do início de 2021, ao retornar à escola como professora de arte e ao me deparar com alunos de diversas faixas etárias, pude obter experiências educacionais que me aproximaram de diferentes pensamentos, identidades de gênero, condições financeiras e configurações corporais que de alguma forma pulsava na aula de arte. Porém existe algo em comum entre todas as escolas que já passei: o ensino de arte limitado ao desenhar e colorir, às datas comemorativas, campanhas escolares etc. Como se o fazer artístico acontecesse separadamente da prática pedagógica. Isso mobilizou em mim a necessidade de ser essa professora-artista ou professora-performer (como me coloco), levando em consideração que a docência tende a “apagar” o nosso eu-artista ou eu-performer. Penso em como produzir deslocamentos na concepção da arte na escola, a partir dos princípios caóticos da liberdade, criação e intervenção nos espaços escolares e, com isso, potencializar formas outras de conceber a arte, o corpo e o processo de aprendizagem.

## 2. Desenvolvimento

Isso mobilizou em mim a necessidade de ser essa professora-artista ou professora-performer (como me coloco), levando em consideração que a docência tende a “apagar” o nosso eu-artista ou eu-performer. Penso em como produzir deslocamentos na concepção da arte na escola, a partir dos princípios caóticos da liberdade, criação e intervenção nos espaços escolares e, com isso, potencializar formas outras de conceber a arte, o corpo e o processo de aprendizagem.

A abordagem metodológica do trabalho segue as pistas do método cartográfico, que tem como foco o acompanhamento dos processos pelo qual as ações acontecem e não a coleta de dados e de resultados previstos (KASTRUP, 2015). A arte-performance, por sua vez, é vista como criação de uma arte híbrida e caótica lançada ao inusitado do acontecimento e da experimentação, sem uma preocupação em gerar resultados palpáveis. Nas pistas da cartografia identifico um instigante caminho de pesquisa quando associado à ideia de arte-performance, enquanto arte experimental que mobiliza agenciamentos autobiográficos e coletivos, instiga novos processos criativos de aprendizagens na escola, além de provocar processos de “[...] desterritorializações nas práticas pedagógicas [...]” (PEREIRA, 2013, p.32) de professores(as) da educação básica.

Nesse percurso reverberam, por meio de vivências pedagógicas e construções coletivas, novos modos de pensar e experimentar o ensino de arte, principalmente considerando que o fazer pedagógico pode ser compreendido como parte do processo criativo do artista-professor. Ao me colocar como artista-professora, ou professora-performer, entendo que a prática da performance é também (auto)biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2008). A cartografia de minhas experiências artísticas e o entendimento delas como parte do meu processo criativo e formativo propõe também me reconhecer nesse papel de artista/professora/pesquisadora.



Segundo Pereira (2013, p.32), “A pergunta pela performance está em voga, sobretudo na educação”. Pergunta que abre inúmeras perspectivas para se pensar as conexões entre performance e educação, além dos múltiplos caminhos que podem ser abertos e percorridos por essa questão. Penso na performance como arte de um corpo livre em processo de experimentação em busca do desconhecido, composta por ruptura e criação de “heterotopias inventivas” no espaço escolar. “A heterotopia de invenção é um espaço anarquista de fronteira disforme, em que pessoas e associações elaboram subjetividades libertárias” (Passeti; Acácio, 2008, p. 82).

Atuando numa escola de tempo integral, deparei-me com uma prática que a gestão escolar nomeia de “Pedagogia da Presença”, em que é elaborada uma escala dos professores para que haja diariamente a circulação dos mesmos pela escola em horário de almoço, como forma de preservar a segurança e a ordem no ambiente. Enxerguei nessa prática uma possibilidade de intervir no espaço de uma forma que eu pudesse alcançar grande maioria dos estudantes, gestão escolar e colegas professores, como uma espécie de anti-arte, como uma professora-performer que se contrapõe ao que já foi instituído para o ensino de arte. Decidi então me apropriar do movimento da “Semana Lilás” alusiva a cuidados com a saúde mental dos estudantes (08/2022) para trazer uma provocação em meio ao tempo ocioso que eles tinham durante sua hora de almoço.

A ação feita por mim segue a ideia de uma das performances mais conhecidas da performer e teórica da performance, Eleonora Fabião, com a diferença de que ambas ocorrem junto a espaços e públicos diversos, gerando outro movimento. Peguei uma cartolina branca e nela escrevi a frase-convite “Conversas sobre qualquer assunto” e depois do cartaz pronto, me dirigi ao pátio da escola, levando além do cartaz, duas cadeiras, uma para mim e outra para quem se sentisse convidado a conversar livremente comigo.

O que me atravessa ao realizar esta performance na escola, é a exposição que isso causa, no sentido de me colocar no espaço sem interpretar nenhum personagem, sendo apenas a professora de arte ou a professora-performer como me coloco. Outro fator que chama a atenção é perceber como um material que no ambiente escolar é tão saturado – um mero cartaz com uma frase-convite –, quando deslocado para uma performance se torna algo tão potente e provocador. Mediante a ação dialógica, inicialmente os estudantes não depositaram confiança, pelo fato de que não estão acostumados a serem ouvidos; porém ao perceberem que era um lugar seguro para conversar sobre o que fosse, surgiram diálogos sobre os mais variados assuntos, principalmente questões familiares e sobre identidade de gênero.

### 3. Considerações

Este trabalho transita em uma zona de proximidade entre corpo, arte-performance e educação, como um campo de experimentações aberto à criação e capaz de desdobrar novos horizontes de intervenção na prática educativa, no processo do aprender e suas relações com o corpo e o conhecimento.

Não se tem aqui a pretensão de trazer respostas, mas sim de investigar quais possibilidades da performance existem na escola, sem instrumentalizá-la. A ideia é



pensar/fazer a performance como esse território de tensão constante, movediço, híbrido, que passeia pelas outras linguagens como um elemento que está sempre criando fronteiras. Assim, pensar a performance nessa zona de proximidade entre corpo e educação é uma forma de tensionar essas heterotopias inventivas que possam ecoar para além do espaço sala de aula, viabilizando a desconstrução do que se preconiza comumente que deva ser o ensino de arte na escola.

## Referências

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção do trabalho do cartógrafo**. In PASSOS, E. KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (Orgs.) *Pistas do método da cartografia*. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015

PASSETTI, Edson; ACÁCIO, Augusto. **Anarquismo e Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

PEREIRA, Marcelo de Andrade (orgs). **Performance e educação: [des] territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Editora-UFSM, 2013.